

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Brasileiro

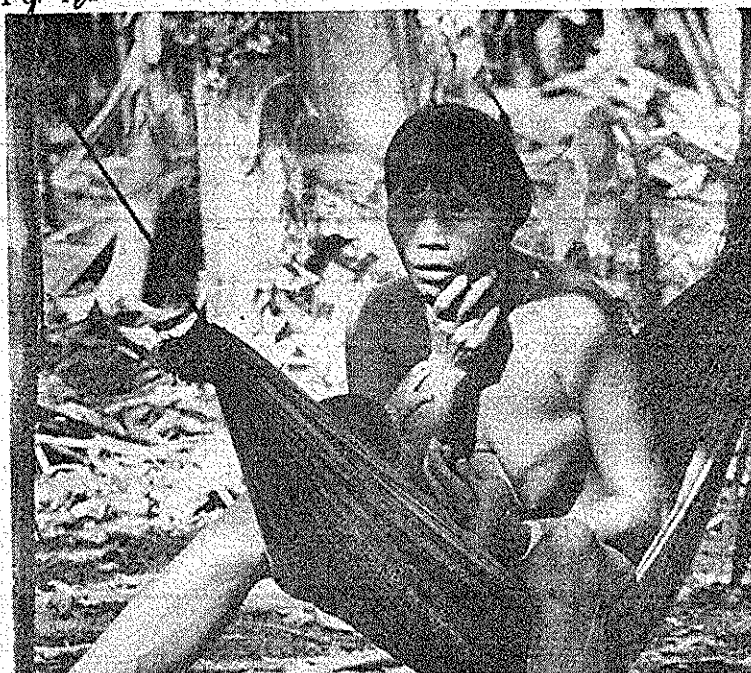
Class.: 296

Data 7 de setembro de 1980

Pg.: _____

LIVRO/CRÍTICA

Por Marcílio Farias



O FIM DE UMA RAÇA

O tema indígena ressurge hoje, mais forte do que em todos os tempos. A partir do instante em que os mecanismos do terror desencadeiam ou ameaçam desencadear uma ofensiva tenebrosa (coisa inadmissível, hoje, em pleno século XX, num tempo onde o conhecimento teórico das coisas não comporta mais o retorno à barbárie pré-civilizada), chega ao topo da questão, o tema indígena.

Uma solução recente - vinda do Presidente Figueiredo - clarifica o princípio de um vislumbre: os povos indígenas que ainda restam, que ainda vivem com sua Paz, seus Deuses, seu Amor à natureza das coisas, esses povos podem, a partir de agora verem no Estado, um ponto de apoio e segurança; não mais um possível e contingencial inimigo.

Deve-se muito dessa mudança de postulações culturológicas (nunca é tarde repetir que o tema do índio é o próprio tema da cultura) à intervenção da Igreja Progressista de João XVIII que, consolidada com a política pastoral de Paulo VI, propôs uma total revitalização dos chamados princípios cristísticos. A palavra pastoral (de pastor) foi identificada de imediato com a praxis do pensamento. Notável passo do povo de São Pedro na direção de uma identificação mais ampla dos princípios ontológicos proclamados pelo aquinista.

Um pequeno opúsculo (Brasil Debates Editora-1980) de Vincent Carelli e Milton Severiano, prefaciado por Dom Tomás Balduino, insere-se entre os documentos mais importantes e esclarecedores do problema do índio, jamais publicados para um público leigo. E, dada-se de passagem, o público brasileiro é um público leigo em análises culturológicas.

A nação Nambiquara foi extinta. Dos poucos 20.000 que existiam no começo do século (eram milhões), hoje são 650. Acabaram-se mesmo. O grande mérito da publicação, que narra o extermínio desse povo Nambiquara, é ser didática, simples e sem muitas análises e perquirições exaustivas. Os autores são jornalistas, talvez daí a grande dose de concisão presente no volume.

São parágrafos curtos, blocos narrativos sintéticos onde a precisa redução dos sintagmas é tão extrema que, em certos momentos temos o delicioso gosto de uma matéria bem escrita. Nem por isso

deixa de ser quente, vigorosa. Os períodos curtos não diluem o impacto emocional do fato narrado. Algo entre a síntese de Mailer e a poesia de Hemingway.

"Primeiro, aqui era só índio. Não tinha americano, brasileiro, Funai, nada. Ai chegou o missionário americano, em 1964. Passaram três luas, veio o brasileiro: máquina, trator, caminhão. Fizeram estrada, derrubaram muito pau, botaram fogo e começou: capim, capim, capim, caminhão, vaca, vaca, fazenda, arame, arame. Para desgraça dos Nambiquaras, era finalmente o civilizado entrando em seus domínios milenares." (1.)

O didatismo existe, para ser exercitado nos temas simples. Só o simples pode ser desmembrado pelo prisma didático; o complexo (e ambos são circunstanciais) só pode ser deslindado pelo raciocínio maturado e intercambiante.

O opúsculo de Carelli e Severiano vai fundo ao tema: conta-lhe os fatos e envolvências. Dá números e cifras, prova e comprova, além do mais importante: coloca a nós, os atuais colonizadores e habitantes dessa terra, possuidores do Direito Naturalis sobre qualquer aspecto que a envolve, nós somos chamados ríspida e seguramente à responsabilidade a qual sempre nos temos furtado: a de ver e enxergar (há muita diferença entre um e outro, mais do que se possa sequer pensar) a nossa direta responsabilidade no extermínio dos donos naturais (já que tudo, ao fim, não passa de um tema do Direito Natural) dessa terra.

"A população estimada por Rondón no começo do século era de 20.000 Nambiquaras. População em 1980: 650, 250 desses, no vale. Acabaram-se".

O opúsculo não possui aquele ranço xenofobista tão comum nas demagógicas defesas do índio que se vê atualmente. Apenas apresenta todos os fatos reconstituídos pela História e que convergem para a elucidação de um longo, penoso e aconitante crime contra o próprio homem.

Tomás Balduino, Bispo de Goiás, encerra o seu prefácio com um trecho da lenda Nambiquara: "Se a mão branca profanar a morada dos espíritos, acabará o mundo".

Esses nossos tempos, que o digam.